

DOSSIÊ TEMÁTICO: Educação Inclusiva e Processos de Subjetivação**APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ TEMÁTICO**

PRESENTATION OF THE THEMATIC DOSSIER

PRESENTACIÓN DEL DOSSIER TEMÁTICO

Maria Goretti Andrade Rodrigues

Universidade Federal Fluminense - Brasil

Cristiana Callai

Universidade Federal Fluminense - Brasil

Processos de subjetivação remetem à desnaturalização do que é posto sobre educação inclusiva, em uma perspectiva descolonizadora que busca romper com os processos de in/exclusão: práticas e discursos excludentes, que se traduzem em concepções individualizantes, políticas públicas baseadas em referenciais normativos, com diagnósticos no reconhecimento do outro para, então, excluí-lo.

Tal empreendimento surge a partir de resultados da investigação de pós-doutorado que Maria Goretti Andrade Rodrigues realizou no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Osvaldo Cruz (LAPS/ENSP/FIOCRUZ) sob a orientação do Professor Paulo Amarante intitulado “Por outras relações na escola pela lógica da desmedicalização: cartografia de mediação escolar de crianças ditas autistas”, das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Educação de Saúde do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense e do Projeto de Extensão “Experiências Cotidianas e Processos Inclusivos na Educação”, desenvolvido em parceria com Cristiana Callai, também na Universidade Federal Fluminense.

O dossiê apresenta um conjunto de textos, resultado de investigações desenvolvidas em diferentes estados brasileiros, e no panorama internacional, acerca das políticas e do cotidiano de inclusão nas escolas nos dias atuais, e de críticas à medicalização da aprendizagem, além de trazer a inclusão do brincar em espaços públicos.

Pretendemos que a potência presente nos textos afete não só a pesquisadores/as e estudantes destas temáticas, mas também aos/às docentes na Educação Básica e demais interessados nos temas discutidos.

Este dossiê é proveniente de resultados de projetos financiados pela FAPERJ, CNPQ e CAPES e pretende sensibilizar ao debate pessoas preocupadas com processos inclusivos, por tal motivo queremos propor reflexões que possam ir além das questões teórico-políticas e que permitam também a docentes refletir sobre o seu cotidiano de pesquisa.

No artigo *Why has ADHD biomedical diagnosis become so dominant?*, traduzido como **Por que o diagnóstico biomédico do TDAH tem se tornado tão dominante?**, é abordado o “transtorno de déficit de atenção e hiperatividade” enquanto uma doença construída que não tem suporte na literatura científica. Os processos de subjetivação se dão a ver através do interesse mercadológico das indústrias farmacêuticas, que destitui o espaço social e escolar de tentativas de mudança em seu aparato institucional quando localiza no corpo da criança a causa de sua inquietação. O trabalho faz uma revisão histórica de como essa crença vem sendo construída, tomando por análise um artigo científico que dá sustentação precária a esse modo de abordar os problemas comportamentais e emocionais das crianças dos nossos tempos. Pontua com discurso científico a falta de evidência de suporte para essa suposta doença.

Entre cartas e conversações: encontros na diferença, as autoras apresentam um exercício cartográfico, em forma ensaística. Problematizam os efeitos dos encontros entre uma professora e crianças com cegueira, experimentando uma *pesquisaescrita*. Na contra mão de uma escrita acadêmica formal, colocam em questão os modos como as políticas da narratividade -dominantes e majoritárias- impõem determinadas formas de pesquisar e escrever e excluem outras, formas estas que em sua maioria limitam o educar a um processo que se dá muito mais entre iguais do que em relação com alteridades. Quando o encontro com o outro provoca em nós um impasse, o que fazer? Esse texto traz a dimensão subjetiva como marca da relação potencializadora nos encontros de ensino e aprendizagem.

O trabalho **Pedagogia visual na educação de surdos: uma experiência com o ensino da matemática no Mathlibras** analisa vídeos produzidos sobre o conteúdo frações, considerados como um recurso visual para os estudantes surdos, entendendo suas singularidades de apreensão e construção de sentidos, onde a surdez é entendida como modo de ser, e não como deficiência. Por vezes docentes aguardam do especialista a “fórmula” para resolver os problemas da escola, ressaltando-se aqui o trabalho em uma equipe multidisciplinar e da comunicação contínua entre os diferentes grupos que constituem o projeto. O lugar do especialista, assim, não pode ser um lugar totalizante: psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes

sociais, médicos não têm todas as respostas para as questões da inclusão, a aposta deve ser no diálogo na própria escola, trazendo contribuições dessas áreas.

O artigo **Por um habitar poético na escola: potência inventiva, alteridade e educação** traz as reverberações de uma pesquisa com foco no saber da experiência construído no ofício de Orientador Educacional. A cartografia é utilizada como percurso metodológico com o objetivo de problematizar a medicalização territorializada nas escolas e produzir movimentos instituintes no fazer pedagógico. No tocante à educação inclusiva, analisa o conto zapatista *Historia de las miradas*, as forças que duelam no imaginário social entre aqueles e aquelas que elaboram as leis, e aqueles e aquelas que estão no cotidiano das micropolíticas. Nos dá a ver a escola como campo de forças, lugar de lutas e resistências, com dinâmica contraditória que se constrói na história, efeito de relações humanas, com sentido de movimento, passível de re-invenção.

No trabalho **O brincar como processo de inclusão em ocupações lúdicas na cidade de São Paulo**, os autores abordam diferentes formas de se expressar a partir de jogos, brinquedos e brincadeiras, situando-os em diferentes grupos sociais, idades e gêneros. Resgatam os sentidos e significados da cultura lúdica, enquanto manifestação cultural, social e histórica. Com o uso de narrativas cartográficas, problematizam como a ocupação dos espaços públicos, em ações na cidade de São Paulo, do projeto “Central dos Jogos” possibilitam espaços inventivos e de criação. Se entendermos a cultura lúdica enquanto um movimento de produção de subjetividade dentro de um determinado meio, perceberemos que influências como a inserção social, as relações com a cidade em que se vive e as experiências passadas a produzirem efeitos identitários, contribuem nesta construção dos sujeitos, dando a ver processos de subjetivação que nos dão a dimensão de que a inclusão é um processo de reconhecimento do outro, de todos os outros.

A defesa de uma escola para todos já não é mais suficiente, é necessário ir além e questionar-se com relação à educação e ao mundo que queremos, nos territórios que habitamos, na escola, nas praças das cidades, nos infinitos lugares. Esse dossiê traz um apelo para uma educação inclusiva enquanto um movimento de reestruturação, criador e gerador de modos de existir, para intervir na construção de um mundo mais amplo, mais heterogêneo, um mundo em que a diferença conte como potencialidade, como força e não como algo a ser contornado.

Não podemos deixar de manifestar nossa gratidão à equipe editorial pela possibilidade de trazer à público a junção desses textos, tão singulares em suas elaborações e diversos, mas que trazem no comum a consideração do sujeito como produção contínua, em processos de fabricação de modos de existir.